

# A representação da 1ª pessoa do plural em cartas de autores não ilustres da sociedade carioca

Karen Pereira Fernandes de Souza (UFRJ)\*

## Resumo

Este trabalho investiga a representação da primeira pessoa do plural no Português Brasileiro (PB) em um *corpus* e recorte de tempo específico: cartas pessoais escritas por um casal de noivos na década de 1930 situados no Rio de Janeiro. Por meio do aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007; Hernández-Campoy & Schilling, 2012) e da localização dos dados pelo programa computacional AntConc (2011), analisam-se os dados de forma qualitativa com o objetivo de verificar todos os contextos de ocorrência sintática das variantes de 1ª p.p. e a questão do preenchimento do sujeito dessas variantes. Para tanto, utiliza-se um *corpus* constituído de cartas amorosas escritas por um casal que não pertencia à elite da sociedade carioca e que apresenta diferença de escolarização. As hipóteses levantadas se confirmam, pois o noivo mostrou ter mais domínio da língua escrita com o uso exclusivo da forma conservadora e predomínio do sujeito nulo, enquanto que sua noiva mostrou ter menor grau de letramento, por apresentar maior traço de oralidade em sua escrita (variação entre as formas *nós* e *a gente* e predomínio do sujeito preenchido).

## Introdução

Este trabalho se propõe a estudar a representação da 1ª pessoa do plural no Português Brasileiro (PB) em um *corpus* e recorte de tempo específico: cartas pessoais escritas por um casal de noivos não ilustres na década de 1930 situados no Rio de Janeiro. Esta amostra tem um valor inestimável para os estudos sociolinguísticos, graças às marcas linguísticas presentes nos textos que evidenciam pouco domínio dos missivistas em relação aos modelos de escrita. Como aparato teórico, utiliza-se a Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007; Hernández-Campoy & Schilling, 2012) e, como metodologia, utiliza-se o programa AntConc (2011) para localização e contagem dos dados, passando em seguida por uma análise qualitativa.

Esta pesquisa se justifica na necessidade de melhor conhecer e descrever os usos da representação da primeira pessoa do plural “nós” e “a gente” na variedade popular do português brasileiro na primeira metade do século XX, através de traços/índícios que marcaram a oralidade da época em cartas. De maneira mais específica, este artigo se justifica (a) pela necessidade de estudar a implementação da variante *a gente* no quadro pronominal do PB. Lopes (2003) afirma que o processo gradual de pronominalização de *a gente* se mostrou incipiente por volta do século XVI, se consolidou no século XIX e só se implementou no PB no século XX. Sendo assim,

\* Professora Orientadora Célia Regina de Oliveira Lopes. Aluna bolsista do CNPq.

uma vez inserida no sistema, as duas formas passam a se alternar no mesmo contexto de uso, e por isso, é indispensável observar se a variante inovadora está adentrando em todos os contextos da forma antiga, mesmo se for incipiente neste recorte; (b) pela observação do sujeito nulo e preenchimento do sujeito, levando em consideração os trabalhos realizados por Duarte (1995, 1986, 2012). Eles indicam uma mudança paramétrica em curso, que emerge no século XIX, divergindo-se do PE, em que o PB estaria deixando o padrão de Sujeito Nulo e assumindo o de Sujeito Preenchido, graças à entrada de dois novos pronomes (*você/a gente*) no quadro pronominal.

Este tema faz levantar as seguintes perguntas: (a) será que já se pode ver, no início do século XX, a presença do pronome 'a gente' na produção escrita cotidiana e informal de pessoas pouco letradas?; (b) tal forma pronominal já se fazia notar em outras funções além da posição de sujeito?; e (c) qual a preferência dos missivistas em relação ao preenchimento do sujeito? Sendo assim, esta pesquisa busca os seguintes objetivos: (a) verificar se as formas do paradigma de *a gente* ocorria na produção escrita de um dos dois missivistas que compõe a amostra do início do século XX; e (b) analisar quantitativo e qualitativamente se há, em uma mesma carta, presença/variação dos pronomes representativos da 1ª pessoa do plural em suas diversas funções sintáticas: nominativo (*nós* ou *a gente* como sujeito preenchido ou não), acusativo (*nos* ou *a gente*), dativo (*nos* ou *para a gente*), oblíquo (sintagma preposicionado) e genitivo (*nosso* ou *da gente*).

Como hipóteses, acredita-se que (a) a remetente (noiva) teve pouco contato com a escrita e, por apresentar um grau de letramento menor, utilizaria, provavelmente, mais traços de oralidade em sua escrita. Nesse sentido, a forma inovadora 'a gente' e o sujeito preenchido poderiam ser mais produtivos; enquanto (b) o noivo, por ter tido contato com modelos de escrita, apresentaria, com maior frequência, o emprego da forma conservadora e o sujeito nulo.

O artigo encontra-se organizado da seguinte forma: além desta introdução sobre o assunto a ser estudado, faz-se uma descrição dos objetos de análise na seção (1); apresentam-se algumas questões teóricas da Sociolinguística histórica ligadas aos informantes e ao gênero carta, além de breves considerações a respeito das Tradições Discursivas, na seção (2), a metodologia utilizada na seção (3); os resultados da análise, na seção (4); e por fim, conclui-se com as considerações finais e as referências bibliográficas em seguida.

## 1. Objetos de análise:

### 1.1 Pronome *a gente*

O estudo de Lopes (1998), em um recorte sincrônico de língua oral, mostra que os fatores linguísticos que condicionam o uso de *nós* e *a gente* são praticamente os

mesmos, tanto para os que possuem pouca escolaridade quanto os que possuem nível superior completo. Os falantes mais jovens empregam mais a forma inovadora em relação à faixa mais idosa; falantes com pouca escolaridade apresentam um quadro de mudança mais avançado em relação aos de nível superior; além disso, as mulheres costumam usar mais *a gente* do que os homens.

Por outro lado, há uma relevante diferenciação no emprego de *nós* e *a gente* em relação a um uso mais restrito ou mais genérico. De fato, o traço semântico mais pertinente para este trabalho é o de pessoa-número (singular/plural) durante o processo de gramaticalização do pronome *a gente*. Inicialmente, a forma *a gente* foi introduzida no sistema com o traço [+genérico] (*eu + não-pessoa*) em contraposição ao traço [+específico] (*eu + não-eu*) da forma *nós*, embora a forma prototípica também pudesse ser utilizada como [+genérico]. Assim, nos resultados de Lopes (1998), o falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (não-eu), ou a não-pessoa, isto é, o pronome carrega um referente [+perceptível] e [+determinado]. No momento em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma *a gente*, como forma de se descomprometer com o próprio discurso, assim, o pronome traz um traço [-perceptível] [-determinado].

Lopes analisou dados orais da década de 1970 do projeto NURC, e, nesta pesquisa, busca-se saber se o mesmo já acontecia na década de 1930. Como não há registros orais, analisam-se as marcas linguísticas presentes em cartas. Desta maneira, espera-se encontrar a variante prototípica de 1ª p.p., *nós*, em todos os casos sintáticos do PB: nominativo, acusativo, dativo, oblíquo e genitivo de posse. Como a análise está voltada também para a expansão de *a gente*, espera-se encontrar esta variante, mesmo que de forma incipiente, em outros casos sintáticos, além do nominativo.

## 1.2 Mudança paramétrica: *sujeito nulo* > *sujeito preenchido*

Segundo Galves (1998:86), tanto o PB quanto o PE compartilham muitas propriedades gramaticais, como exemplo, aceitam sujeito nulo e objeto nulo específico. Vejam-se a seguir de sujeito em (1) e de objeto direto em (2), em que “cv” significa categoria vazia:

- |                                                |                                            |
|------------------------------------------------|--------------------------------------------|
| (1) a. [Nós] iremos à praia amanhã pela manhã. | b. A Joana viu [cv] na internet            |
| (2) a. [cv] Iremos à praia amanhã pela manhã.  | b. A Joana viu [a reportagem] na internet. |

A diferença entre (1) e (2) está na preferência de uso, porque ambos os exemplos são permitidos nos dois sistemas linguísticos. Ao longo dos séculos, o PB tem perdido propriedades que caracterizam línguas de Sujeito Nulo, como o italiano, e adquirido propriedades de línguas de Sujeito Preenchido, como o francês. Destacam-se os trabalhos de Duarte (1986, 1995, 2012, no prelo) que observou com afinco a

mudança do sujeito nulo em uma perspectiva diacrônica, observando peças teatrais dos séculos XIX e XX, e numa perspectiva sincrônica, observando *corpus* oral do PB.

Esta mudança de propriedades (ou parâmetros) consiste numa *mudança encaixada* com perdas e ganhos morfossintáticos: o quadro pronominal do português brasileiro, ao longo dos séculos, passou por uma transformação em seu paradigma flexional verbal se compararmos com o quadro do Português Europeu (PE). Com a entrada de *ocê* e *a gente* no quadro pronominal, o PB vai “empobrecendo” a sua rica morfologia flexional, enquanto o PE se mantém estável. Por outro lado, precisa compensar essa perda, e, neste caso, é compensado com o preenchimento em posição nominativa, isto é, sujeito da oração.

Para concluir, Duarte (1995:141-142) diz que esta mudança não está concluída e que o PB ainda convive “com um sistema agonizante, em que ainda se refletem as características pro-drop, e um sistema em desenvolvimento, em que a “riqueza funcional” perdida já não permite a identificação de pro”. Desta maneira, pretende-se observar se há diferença entre o uso de “nós” e “a gente” e a forma plena e nula.

## 2. Fundamentação teórica:

### 2.1 Sociolinguística histórica

A vantagem do estudo histórico é já conhecer os resultados das mudanças linguísticas, pois observam-se as etapas do processo que já aconteceram em diacronias passadas. Em geral, a sociolinguística histórica aplica os princípios da sociolinguística no estudo e na interpretação dos materiais históricos, mas a reconstrução das variáveis independentes utilizadas é problemática ou mesmo impossível de conhecer o contexto histórico.

Para tanto, segundo Conde Silvestre (2007), a sociolinguística histórica conta com um princípio chave para o desenvolvimento de sua metodologia: o princípio da *uniformidade linguística*, pois, através das observações de uma dada língua no presente, pode-se inferir certo conhecimento da variação linguística de um fenômeno no passado. Levando em consideração que a variação é uma característica inerente de toda e qualquer língua, a mesma ocorre de forma estruturada e regular no sistema, independente do momento que o estudo é realizado (sincrônico ou diacronicamente). Assim, os fatores linguísticos que são possíveis de observar e analisar no presente não são absolutamente diferentes daqueles que atuaram no passado.

Para recuperar os dados linguísticos do passado, costuma-se extrair de textos que sobreviveram na atualidade, pois, raros são os áudios gravados, principalmente da inexistência de áudios nos séculos mais distantes. Além disso, o material linguístico escrito pode ser analisado independente da expressão oral por não estar isento de variação linguística, graças às suas propriedades específicas. É claro que, segundo Conde

Silvestre (2007:45), os documentos mais úteis para uma investigação linguística são aqueles que transpõem para o meio escrito, intercâmbios comunicativos que ocorreram, ou que poderiam ocorrer no meio oral, tornando-se os únicos “registros orais” quando os mesmos não estão disponíveis, principalmente para estudo de longo prazo.

Dois dos problemas inerentes a este aparato teórico-metodológico são o problema da descontextualização da situação que originou os textos e o caráter fragmentário da mensagem, pois sobreviveram por sorte/azar. O contexto histórico é basicamente reconstruído através das próprias informações contidas nas missivas ou através do auxílio da História-social (disciplina afim que auxilia no trabalho de reconstrução histórico-social de documentos históricos), auxiliando, desta maneira, na reconstrução da variáveis históricas independentes.

E como resolver alguns entraves da sociolinguística histórica? (a) busca de produções linguísticas mais espontâneas, como cartas e diários; (b) controle das tradições discursivas; (c) investigação do estilo individual do autor; (d) uso de ferramentas computacionais; (e) reconstrução do contexto social.

## 2.2 Tradição discursiva

Koch (1997) faz uma reanálise do conceito de linguagem de Coseriu, que havia proposto uma tríade (níveis universal, histórico e individual), e propõe que o saber linguístico seja dividido em quatro níveis: (a) plano universal; (b) plano histórico – b.1: língua histórica; b.2: tradições do texto; e (c) plano individual. Segundo Kabatek (2006:3) essa proposta se justifica na medida em que a atividade do falar perpassa o filtro do plano histórico, o indivíduo produz textos (orais e escritos) seguindo uma língua histórica e os cria também de acordo com uma determinada tradição discursiva (TD).

Desta maneira, o plano universal compreende a capacidade do homem se comunicar, i.e., a predisposição biológica do ser humano falar independentemente da língua utilizada. A língua histórica (plano histórico) é a *langue* como sistema abstrato (português, espanhol, francês), ou visto como nível linguístico. As tradições do texto (plano histórico) são formas e fórmulas tradicionais que vão além das fronteiras da língua histórica, pois as tradições discursivas perpassam várias culturas. O plano individual é a produção real do texto/discurso.

De forma mais específica, as TDs são formas e fórmulas comunicativas recorrentes, tradicionais, que transcorrem várias culturas, nesse sentido, ultrapassando os limites de uma língua histórica, e por isso, estão atreladas à historicidade do homem como ser social. Em outras palavras, são fórmulas linguísticas que se relacionam a uma realidade, a uma situação cultural. Nesse sentido, para estabelecer uma tradição discursiva como uma fórmula comunicativa pertencente a um determinado gênero textual, são necessárias (a) a *evocação*, que é o fato de uma determinada situação

comunicativa pressupor o uso de uma determinada “expressão comunicativa” e (b) a *repetição*, utilização dessa mesma expressão comunicativa já evocada antes para a mesma situação comunicativa. Como ilustração, tem-se: (a) saudação: “olá”, “bom dia!”; (b) despedida: “tchau”, “até mais”; (c) velório: “meus sentimentos”; (d) aniversário, casamento: “felicidades”; (e) espirito: “saúde”; (f) teatro: “merda” etc.

Sendo assim, para análise das variantes da 1ª pessoa do plural, em cartas pessoais, é importante controlar as tradições discursivas que se fazem presentes nos textos, porque as TDs do gênero carta podem influenciar no emprego de uma ou outra estratégia. Uma única variante presente em uma TD pode acabar por mascarar os dados de uma análise quantitativa por ser muito produtiva em relação a outra variante, e, se está observando a expansão de uma determinada variante em relação a outra, o resultado tornaria comprometido. Nesse sentido, não se pode esperar que as formas inovadoras (típicas da fala), como “a gente” sejam produtivas em alguma TD numa amostra escrita.

### 2.3 Caracterização do gênero *carta*

Se caracteriza como gênero discursivo por manter uma estrutura própria e por conservar fórmulas fixas (tais como, localização, datação, saudação inicial, captação da benevolência, corpo do texto, despedida, assinatura e, por vezes, observações). Estas propriedades, aliadas à função de anunciar, informar, fazem com que uma carta seja reconhecida, em qualquer língua histórica, como um gênero textual. A carta pessoal é caracterizada por uma “conversa” escrita, na qual o autor se dirige a um interlocutor específico para estabelecer uma comunicação à distância, com a finalidade de relatar e/ou comentar acontecimentos que julgue ser relevante o anúncio. O nível da formalidade geralmente é estabelecido em função da imagem do interlocutor a quem é dirigida a carta; portanto, quanto maior a intimidade entre os interlocutores, maior tende a ser o nível de informalidade da língua.

No exemplo a seguir, reproduz-se parte de uma carta de Maria enviada a seu noivo, em que encontramos seus principais elementos constitutivos:

Paulo de Frontem 10 – 9 – 1936	Localização/Data
Meu queridinho noivinho	Saudação inicial
Muitas saudades. Que esta te vá encontrar um pouco melhor do resfriado que e que todos os teus estejam passando bem , eu os meus vamos bem graças a Deus .	Captação da benevolência
Eu vou com muitas saudades tuas, eu peço-te para mandar-mes dizer por que tu não escrever , eu sei que tu estás doente mais puedes escrever duas linhas para eu ter notícias tuas , esta vai pela a minha irmã e já foi outra pelo o meu cunhado na segunda-feira por que eu não tenho mais confiança pelo o correio , você não me respondeu nenhuma da semana passada eu acho que você não a recebeu se você estivesse a recebido você me respondia , eu estou muito triste com isto , eu peço-te para me escreveres ainda esta semana por que será a última carta por que eu vou no Domingo se Deus quiser.	Corpo da mensagem
Lembranças dos meus e beijos da Hilda para você e da tua noivinha triste muitos beijos e abraços ao meu noivinho Jayminho	Despedida
Mariquinhas	Assinatura

**Quadro 01 - Exemplo de estrutura de carta  
(no. 11, remetente Maria, 13/10/1936, texto modernizado).**

A carta pessoal representada no quadro 01 apresenta-se apenas como um modelo geral da estrutura do *corpus*; claro que pode haver ausência de uma ou mais partes constitutivas em outras cartas por existir variação na estrutura. Logo no início da estrutura, já se pode ver onde e quando a carta foi escrita pela “localização e data”. Em seguida, apresenta-se a “saudação inicial”, revelando a relação existente entre os interlocutores pelo emprego do vocativo “Meu queridinho noivinho”, e como será o nível de interação. Logo após, encontra-se a “captação da benevolência” (pode vir no início ou no final) que é o trecho da carta em que o remetente tenta captar a boa vontade do destinatário para o que vai ser dito em sequência; ainda nesta seção, é bastante frequente o uso de expressões formulaicas (TD). Na seção seguinte, tem-se o “corpo da mensagem”, razão pela qual a carta é escrita; geralmente possui uma composição textual mais flexível, mais espontâneo. A carta se encerra com a “seção de despedida” e “assinatura”, elementos constitutivos mais fixos. Pode haver ainda, no final, uma seção para pequenas “observações”.

O gênero *carta* é um tipo de documento bastante vantajoso como fonte de estudo de sincronias passadas para a pesquisa sociolinguística histórica, pois, segundo Lopes (2011:368), “se, por um lado, a carta transmite a inovação e mudança linguísticas, por outro, conserva fórmulas fixas”. Assim, algumas vantagens de se trabalhar com esse gênero: (a) localização e data situam o pesquisador o momento histórico em que a carta está situada; (b) o tipo de relação estabelecida entre remetente e destinatário

pode trazer temas mais íntimos e espontâneos, revelando a inovação linguística no “corpo da mensagem”; (c) a autoria do remetente (embora seja questionável, algumas vezes); (d) as tradições discursivas e a rígida estrutura permite a manutenção do gênero. Este gênero é bastante importante para este trabalho pois o corpo da mensagem é livre, deixando o autor mais à vontade para “falar”, ainda mais se o seu remetente for mais íntimo, surgindo aqui, as formas oralizadas.

## 2.4 Caracterização do *corpus*

A amostra é constituída por 97 cartas particulares escritas no Rio de Janeiro, entre setembro de 1936 e maio de 1937, por um casal de noivos, Jayme e Maria; para ocultar suas identidades, as referências serão feitas através de suas iniciais JOS e MRC, respectivamente. Tudo o que restou, por sorte ou azar, de MRC são 31 cartas e de JOS, 66. Essas cartas, de conteúdo amoroso e de eventos/notícias do cotidiano, foram encontradas ocasionalmente em uma lixeira por um estudante de Letras<sup>1</sup>; por esta razão, todas as informações que caracterizam o casal foram retiradas das mensagens trocadas por eles.

Trata-se de um casal não ilustre, ou seja, os noivos não pertenciam à elite carioca, e é por este motivo que este material tem um valor inestimável para os estudos sociolinguísticos, graças às marcas linguísticas presentes nos textos que evidenciam a norma popular do PB da primeira metade do século XX. As cartas apresentam intercâmbios comunicativos que ocorreram ou que poderiam ocorrer no meio oral, tornando-se os únicos registros orais da época. Silva (2012) retrata as dificuldades encontradas para localizar dados biográficos dos missivistas, fato que os torna praticamente anônimos.

Nas cartas de JOS, pode-se observar trechos de versos amorosos, uma escrita mais cuidada (mas com “desvios” recorrentes por ele não dominar plenamente a língua escrita), o que faz pensar que ele frequentou os bancos escolares por mais tempo. O conteúdo textual é mais bem construído, o que revela ter o missivista um contato maior com o padrão de escrita (ou textos escritos). Morava no subúrbio do Rio de Janeiro com seus pais e irmãos e trabalhava em uma indústria têxtil.

As cartas de MRC apresentam desvios grafemáticos e ortográficos, além de possuir uma estruturação mais simples. Interessante é a demonstração da sua autoconsciência ao dizer não ser muito instruída e ainda solicitar, com frequência, ao seu remetente que não repare na sua falta de habilidade com a escrita (por refletir mais a sua oralidade em suas cartas). Linguisticamente, MRC torna-se uma valiosa fonte para o conhecimento da norma popular do PB, por ser uma mulher alfabetizada. Uma ressalva deve ser feita: pouquíssimas eram as mulheres não privilegiadas socioeconomicamente

<sup>1</sup> Informação colhida da Dissertação de Silva (2012).

que, na década de 20-30, sabiam ler/escrever, quanto mais aquelas que frequentavam além da escola primária, tendo em vista uma sociedade extremamente masculina que exercia seus direitos civis renegando diversos direitos às mulheres, ainda mais a uma “mãe-solteira” como a nossa protagonista. MRC morava em Petrópolis com sua irmã e sua filha de outro relacionamento.

Desta forma, esse *corpus* tem muito a contribuir com este estudo, pois, além de ser um material raro de se encontrar e rico linguisticamente, ele coincide com a época em que ocorre, mesmo sendo incipiente a mudança de parâmetro de sujeito nulo, segundo Duarte (2012). A proposta dessa pesquisa também é observar se a forma inovadora aparece em substituição à forma conservadora nesse conjunto de cartas que possuem traços de oralidade da 1ª metade do século XX.

### 3. Metodologia:

Após a leitura, as cartas transcritas foram submetidas ao programa AntConc (2011) para localização e contagem dos dados. Ao constatar que as cartas com a *escrita original* não influenciaram os fenômenos em pauta, decidiu-se por trabalhar apenas com a *transcrição modernizada* para uma leitura mais fácil dos documentos. Assim, indicam-se todos os possíveis pronomes relativos à 1ª pessoa do plural no campo *Search Term* que aparecem na coluna *Word*; e contabilizam-se quantos dados são disponíveis no *corpus* na coluna *Freq*.

Em seguida, localiza-se a forma dentro do contexto da carta para avaliar se é válida ou não para o nosso estudo, além de refinar a contagem dos dados. Se *gente* fosse um substantivo, logo, seria eliminado da contagem, pois interessa ao trabalho apenas as formas variantes da 1ª p. p. Além disso, era necessário recorrer ao contexto para identificar o caso sintático deste pronome. Na aba *Concordance*, aparece em destaque a palavra buscada no *corpus*, no campo KWIC, inserida no seu contexto.

Como o programa não reconhece acentos (caracteres especiais), foi necessária a visualização da variante no contexto para acomodá-la corretamente no quadro pronominal. Como exemplo, a forma “nos” pode exercer a função de um pronome nominativo, de um acusativo, de um dativo, de um reflexivo, de um genitivo (de nós dois) e até como uma preposição, mas neste último caso, o dado precisa ser eliminado. Desta forma, precisou-se recorrer ao texto original e analisar a sua forma-função no contexto e mais uma vez refinar os dados e distribuí-los. Assim, pôde-se resolver as questões do preenchimento do sujeito com a forma *nós* e a colocação pronominal. Para a identificação do sujeito nulo, fez-se a localização da palavra “mos” no campo *Sort by* e foi selecionada a opção *Sort by word end*. Assim, puderam ser vistos todos os casos de sujeito nulo e rever as de sujeito preenchido em relação à variante “nós”.

## 4. Análise dos resultados:

### 4.1 Caso nominativo

Na Tabela (1), consta o resultado da quantificação das formas linguísticas *nós* e *a gente* encontradas nas cartas. Foram localizados 159 dados de 1ª pessoa do plural em posição sintática de nominativo. Na primeira coluna estão os informantes, na segunda e terceira colunas estão as distribuições das variantes, e a última coluna representa o total dos dados.

Forma	Nós	A gente	Total de dados
JOS	<b>132 - 86,8%</b>	-	132
MRC	20 - 13,2%	<b>7 - 100%</b>	27
Total	152 - 95,5%	7 - 4,5%	159 - 100%

**Tabela 1: Distribuição geral das variantes de 1ª p.p. (posição de sujeito) em relação aos missivistas.**

Dos 159 dados, houve um predomínio de 152 dados (95,5%) da variante *nós* que são distribuídos em 132 ocorrências (86,8%) nas cartas do noivo e apenas 20 dados (13,2%) para a noiva. O missivista masculino só empregou a estratégia mais antiga, pois não foi localizada nenhuma ocorrência da variante inovadora em suas missivas. Tal resultado já era esperado, uma vez que o autor apresenta um comportamento mais conservador com um domínio maior dos modelos de escrita. Todos os dados encontrados são de referência de traço [+determinado] e fazem concordância em número-pessoa com o verbo corretamente segundo a Gramática Tradicional (GT).

Interessante observar a presença, embora tímida, da forma *a gente*, nas cartas da noiva. Foram apenas 7 dados ao todo, representando 4,5% do total de dados, mas já constitui um resultado relevante se for levando em consideração que a análise baseia-se em um texto escrito do primeiro quartel do século XX. Não houve nenhum caso de referência indeterminada ou sujeito ampliado; todas as ocorrências encontradas são de traço [+determinado], embora a identificação da referência seja dada pelo contexto. Também fazem concordância em número-pessoa com o verbo.

Embora a forma inovadora tenha ocorrido poucas vezes no *corpus*, tendo em vista que esta variante, segundo Lopes (2003) está em processo de implementação no PB na modalidade oral no século XX, deve-se levar em conta a força conservadora da escrita. Mesmo que a informante não tenha um grau de letramento muito alto<sup>2</sup>, ao escolher a modalidade escrita para sua comunicação, já é trazido à mente do escritor a marca de uma formalidade maior em relação à modalidade oral, freando o avanço de

<sup>2</sup> SILVA (2012:50) a considera "como alfabetizada (sabia ler e escrever) e possuidora de uma cultura mediana nos termos de Barbosa (2005)".

certas inovações. Por outro lado, pode-se constatar que MRC, missivista com traços de oralidade maior em sua escrita em relação a JOS, deixou “escapar” 7 ocorrências da variante *a gente* em seus textos, enquanto seu noivo não a empregou nenhuma vez, o que confirma a riqueza desse material para os estudos linguísticos e as hipóteses lançadas na introdução deste trabalho.

Começa-se a análise das cartas com o exemplo da carta do noivo em (4):

(4)

“(...) que seria de mim sem teu amor, sí voce me desprezasse, seria o fim de um pobre mendigo de amor, que morreria crucificado pela grande paixão que trazia no peito, mas isso sei eu que jamais acontecerá porque o meu fim seria o teu, nos estamos um para o outro , como a planta está para a raiz, que seria a planta sem a raiz morreria naturalmente o mesmo aconteceria comnosco, (cv) estamos enraizados um ao outro, (continua na próxima página) nos somos a raiz de nos propios, jamais (cv) poderemos, nos separar (...)” (JOS – carta no. 19 – 16/03/1937)

Pode-se ver no exemplo acima casos em que a forma “nós” aparece formalmente e outras vezes como uma categoria vazia. Ao analisar todas as cartas de JOS, não houve nenhuma ocorrência da forma inovadora. No trecho selecionado, há concordância verbal em todos os casos apontados e a referência é a mesma para todos os casos destacados, ele próprio e sua noiva. Vejam agora, em (5), um exemplo da carta da noiva:

(5)

“amado noivinho Jayme Saudades Espero que esta te vá encontrar em perfeita saúde junto aos teus eu e os meus vamos bem graças a Deus . eu já vou melhor do resfriado eu no dia 25 recebi 2 cartas tuas a do dia 23 e do dia 24 eu fiquei muito contente de ter notícias tuas eu esta semana recebi 5 cartas tuas a minha irmã chegou a dizer que era melhor a gente se casar que eu parecia uma bobinha por você [...]”. (MRC - carta no. 03 - em 06/09/1936)

Há dois pontos relevantes para tratar em relação aos dados do exemplo (5). O primeiro ponto importante é que, em uma mesma missiva da noiva, foram observadas as duas formas variantes, registrando uma alternância entre as variantes. Interessante observar que a estratégia “nós”, mais antiga, ocorreu na parte fixa da carta e a forma inovadora ocorreu na parte livre, no corpo da mensagem. Além do mais, nas cartas de MRC há a marca de desinência verbal de 1ª p.p. em que o verbo concorda com um sujeito composto, localizado em uma parte fixa da carta. Trata-se de captação de benevolência que é o trecho da missiva em que o remetente tenta captar a boa vontade de seu interlocutor para o que será dito a seguir; e como parte fixa, pode ser configurada como uma TD do gênero, porque se repete na estrutura da carta. Curioso é o fato de *nós* ter ocorrido justamente nessa seção. Não podemos afirmar que a TD

é o único fator ou o mais relevante para o emprego da variante prototípica, mesmo porque, obtivemos alguns poucos dados de *nós* também no corpo da mensagem das cartas de MRC, momento em que o autor possui uma estruturação mais livre. O fato deve ser destacado, pois, como se observa na seção de fundamentação teórica, a tradição discursiva deve ser controlada. Como segundo ponto é a questão da referência do sujeito. A autora define as pessoas da variante *nós*, no exemplo (5), “eu e os meus (familiares)”, enquanto o referente de *a gente* é depreendido pelo contexto, no caso, ela e o noivo.

Para finalizar esta seção, apresentam-se a seguir em (6) quatro trechos das cartas de MRC para ilustrar a representação grafemática de *a gente*:

(6)

a. “a minha irman chegou a dizer que era melho *a gente* se casar que eu parecia uma bobinha...”

(MRC - carta no. 03 - em 06/09/1936)

b. “[...] o teu irmão esteve com a Aninha na sexta-feira esteve perguntando muitas couzas elle disse que não acreditava que *ajente* tinha acabado, elle disse que sim que *ajente* tinha acabado e

que eu estava [...]” (MRC - carta no. 30 - em 21/02/1937)

As formas variadas para grafar *a gente* revelam que a missivista não tinha domínio dos modelos de escrita, por não haver uma uniformidade gráfica por parte da autora. Pode-se ver em (6), que MRC usa os grafemas <g> e <j> para a mesma palavra “a gente”. Também ocorre de escrever o que no início da mudança foi um artigo “a” e um substantivo “gente” juntos, sendo, possivelmente, interpretado como um único vocábulo fonológico, como *ajente*.

(6)

c1. “voçe pergunta au Neuzinho o que elle falou com elle. o teu irmão perguntou aonde *a jente* marava o Neuzinho diçe que morava em catumbi eu acho que elle feis mal de dizer que marava em catumbi por que a Thereza sabe que *a jente* mara na rua S. Francisco Xavier” (MRC - carta no. 27 - 12/02/1937 – *Rascunho*)

c2. “voçe pergunta au Neuzinho o que elles falarão , o teu irmão perguntou a onde *a gente* morava o Neuzinho diçe que mo- rava em catumbi eu acho que elle feis mal de dizer que morava

em catumbi por que a Thereza sabe que *a jente* mara em S . Francisco Xavier ella não sabe e o numero” (MRC - carta no. 28 - em 12/02/1937 – *Versão definitiva*)

Uma última observação para os exemplos em (6). Notem que o conteúdo de c.1 e c.2 é o mesmo com algumas modificações ortográficas, porque se está diante de uma versão rascunho do texto (c1) e a versão definitiva postada (c2). Em c1, a forma *a gente* é grafada igualmente nas duas ocorrências, com “j”; enquanto que em c2, encontram-se duas grafias diferentes na mesma carta, confirmando, uma vez mais, que a noiva não dominava os modelos de escrita vigente.

#### 4.1.1 A forma do sujeito nós: preenchido ou nulo?

Na Tabela (2), consta o resultado da quantificação das ocorrências das variantes da primeira pessoa do plural distribuído por sujeito nulo e sujeito preenchido. Ainda com os 159 dados em posição sintática de nominativo, observa-se, agora, a questão do preenchimento do sujeito. Na primeira coluna estão os informantes, na segunda e terceira grandes colunas estão as distribuições das variantes de acordo com a forma linguística expressa ou não como sujeito na oração, e a última coluna representa o total dos dados.

Forma	Sujeito Nulo		Sujeito Preenchido		Total
	Nós	A gente	Nós	A gente	
JOS	<b>116 - 87,8%</b>	-	16 - 12,2%	-	132 - 100%
MRC	2 - 7,3%	-	<b>18 - 66,7%</b>	7 - 26%	27 - 100%
Total de dados	118 - 74,2%	-	34 - 21,3%	7 - 4,5%	159

**Tabela 2: Distribuição das variantes de 1ª p.p como Sujeito Nulo e Sujeito Pleno em relação aos missivistas.**

Em um primeiro olhar, dos 159 dados obtidos, 118 (74,2%) são de sujeito nulo e 41 (25,8%) são de sujeito preenchido. A princípio, parece que os números estão de acordo com as características da modalidade escrita (mais sujeito nulo e menos sujeito preenchido), como recomenda a GT, para evitar repetição através dos mecanismos de coordenação e subordinação, tornando as orações complexas. Entretanto, ao olhar os números de acordo com os informantes, pode-se constatar que mais uma vez as hipóteses iniciais deste trabalho se confirmam.

De todas as 31 cartas da noiva, foram localizados 18 dados de sujeito referente *nós* ocorrendo de forma plena, isto é, expressa formalmente, representando 66,7% da amostra feminina. Além disso, há os 7 dados da variante *a gente* que também se apresenta formalmente, correspondendo a 26%; e apenas 2 dados de sujeito nulo, amargando 7,3%. Como o PB, neste período, segundo Duarte (1995), está em período de transição, em que passa de uma língua de Parâmetro de Sujeito Nulo para uma língua de Sujeito Preenchido, é natural que ocorra um número reduzido para sujeito pleno, principalmente se tratando de uma modalidade escrita, no caso, troca de cartas pessoais. Entretanto, a preferência da nossa protagonista é a realização do sujeito preenchido em sua comunicação escrita, ou seja, uma característica da oralidade, conforme Duarte nos aponta em sua pesquisa. Atentem para os dois exemplos em (7) que a seguir:

(7)

a. “[...] minha irman mepidiu para eu ficar a te o dia 18 por cauza do aniversario dela que so faltão 15 dias e pasão no estante depois eu falo com voce no Domin-go

e [cv] **conbinamos** tudo direitinho [...]” (MRC - carta no. 6 - 01/10/1936)

b. “Eu esta semana já escrevi 6 com esta e já recebi 6 tuas [cv] **estamos** empate [...]”  
(MRC - carta no. 10 - 11/10/1936)

Dentre todas as cartas de MRC, há apenas dois casos de sujeito nulo, como podem ser vistos em (7), e, embora haja coordenação entre orações, os sujeitos gramaticais não são correferentes.

Ao comparar estes resultados com os resultados obtidos nas missivas do noivo, pode-se constatar justamente o oposto: o emprego da categoria vazia, ou sujeito nulo, é muito mais expressiva do que saldo de sujeito pleno. Desta forma, tem-se 118 dados encontrados de sujeito nulo, representando 87,8% da amostra masculina, contra 16 dados (12,2%) de sujeito preenchido. Não foi localizada nenhuma ocorrência para a variante *a gente* em suas cartas. Observem os exemplos a seguir, em (8):

(8)

a. “Minha flor, mas eu soffro igual a você somente por te amar [pag] Finalmente [cv] **temos** que nos conformar porque Deus assim quer, e contra ele nada [cv] **poderemos** fazer.” (JOS - carta no. 17 - 08/03/1937)

(b) “De ti minha adorada é que eu espero todo o meu ideal, possuindo-te considero-me o homem mais feliz do mundo, tu bem sabes que **nós não podemos** mais nos separar, não [cv] **podemos** viver um sem o outro, **haveremos** de nos amar eternamente, que seria você sem o meu amor? o mesmo seria [pag] eu sem o seu amor, jamais nascerá em nossos cérebros essa ilusão, porque [cv] **sabemos** que [cv] **pertencemos** um ao outro, e que [cv] **nascemos** um para o outro e que jamais [cv] nos **separaremos**, só mesmo a morte nos separará.” (JOS - carta no. 03 - 23/07/1936)

A partir dos exemplos acima, pode-se constatar que todas as categorias vazias [cv] (não incluso no texto original), tanto do trecho (a) quanto do trecho (b), possuem o mesmo referente (eu + não eu), no caso, o próprio autor e sua noiva, destacados em cinza. Além disso, é necessário ressaltar que, dentre estas 116 ocorrências, 24 ocorrem em orações coordenadas (em que o sujeito da oração é correferente com a oração inicial) e 3 dados em orações subordinadas (em que o sujeito da subordinada é correferente com o da oração matriz). Interessante observar é que, mesmo subtraídas as 116 ocorrências por esses 27 dados, ainda haverá um índice significativo de sujeito nulo (89 dados).

Como já foi dito na seção anterior, todos os dados obtidos de caso sintático nominativo para 1ª p.p. são de referência determinada; no caso, referem-se a MRC e JOS ou então a eles próprios com amigos ou familiares. Não foi localizada nenhuma ocorrência de *nós* com referência indeterminada, todas têm traços [+ANIMADO] e [+HUMANO]. O mesmo se verificou para a variante inovadora.

Esses resultados nos fazem acreditar ainda mais quão distantes estão os noivos um do outro frente ao contato com a escrita: MRC apresenta um traço muito forte de

oralidade em seus textos, transpondo as inovações da língua falada em suas missivas, enquanto seu noivo, mesmo não dominando plenamente as regras gramaticais, apresenta um forte conservadorismo em suas correspondências, comprovando, dessa forma, um maior grau de letramento.

Devemos levar em consideração que o número de cartas entre o casal é desproporcional em relação ao número de dados, mas foi tudo o que restou da história destes noivos. Podemos conjecturar que, se houvesse um número maior de cartas de MRC, estatisticamente, haveria um número maior de sujeito preenchido em contraposição ao número elevado de sujeito nulo de JOS, mas não se pode afirmar isso categoricamente. Deste modo, estes dois protagonistas ajudam a revelar o início de uma mudança em curso.

#### 4.2 Casos acusativo, dativo, oblíquo e genitivo

Esta seção tem como objetivo avaliar se a variante inovadora *a gente* está expandindo o seu contexto de uso, tendo em vista a sua implementação no sistema como [NOMINATIVO]. Entretanto, não se observou nenhuma ocorrência desta forma nos demais casos sintáticos (acusativo, dativo, oblíquo e genitivo), apenas a forma conservadora *nós*.

A Tabela (3), a seguir, apresenta o quantitativo de dados da variante *nós* distribuído para cada caso sintático:

INFORMANTES	CASOS SINTÁTICOS			
	ACUSATIVO	DATIVO	OBLÍQUO	GENITIVO (possessivo)
JOS	39	5	1	72
MRC	3	2	-	13
Total	42	7	1	85

Tabela 3: Uso exclusivo do paradigma *nós* em outros contextos.

Como pode ser visto na Tabela 3, os demais casos sintáticos do paradigma *nós* nas cartas de MRC são menos expressivos em relação às correspondências de seu noivo. O caso genitivo foi o mais empregado, ao todo, foram 85 ocorrências. Obteve-se apenas um caso oblíquo, registrado em (9c). O caso dativo foi pouco usado, 7 dados. O caso acusativo foi o segundo mais utilizado pelos informante, com 42 dados ao todo. Vejam alguns exemplos, em (9):

(9)

a. ACUSATIVO: “[...] haveremos de *nos* amar eternamente , que seria voce sem o meu amor ? [...] e que nascemos um para o outro e que jamais *nos* separaremos, so mesmo a morte *nos* separara .” (JOS - carta no. 03 – 23/09/1936)

- b. DATIVO: “Não posso dormir vivo só pensando em ti e no nosso amor que tantas lágrimas tem **nos** custado, nas minhas horas de insônia fico meditando o infinito [...]” (JOS - carta no. 12 – 24/01/1937)
- c. OBLÍQUO: “[...] nos estamos um para o outro , como a planta está para a raiz , que seria a planta sem a raiz morreria naturalmente o mesmo aconteceria **connosco**, estamos enraizados um ao outro [...]” (JOS – carta no. 19 – 16/03/1937)
- d. GENITIVO: “[...] mas eu amo-te minha santa , tu melhor do que ninguém compreendes a **nostra** dor, a saudade que invade **ossos** corações é imensa , sinto-me cada vez mais comba-lido, mais invadido pela saudade.” (JOS - carta no. 07 – 29/09/1936).

Segundo Lopes (1998), a forma inovadora se implementou oralmente, sendo bastante utilizada por todas as faixas etárias do *corpus* analisado, mas, em relação a *nós*, no gênero *carta* (em que atua muito fortemente o conservadorismo da língua) não se pôde ver ainda a expansão de *a gente* nos demais contextos sintáticos, a não ser o nominativo (via de entrada). Pode-se conjecturar sua expansão na 2ª metade do século XX, quando a forma deixa de ser linguisticamente marcada, e passa a ser utilizada uma variante pela outra, sem alteração de significado, por todas as camadas da sociedade. Para confirmar esta hipótese, seria necessário ampliar o *corpus*, o que resultaria em outro trabalho.

### Considerações finais

Procurou-se demonstrar que o *corpus* escolhido para este estudo, cartas amorosas da década de 30, constitui uma rica fonte de dados para estudar os fenômenos tratados neste artigo: variação entre as variantes “*nós*” e “*a gente*” e seus contextos sintáticos, além da questão do preenchimento do sujeito.

Com relação à metodologia empregada, não foi possível utilizar as ferramentas estatísticas, devido ao número muito pequeno de dados obtidos e o não preenchimento de todas as células, conforme os moldes da Sociolinguística laboviana; mas procurou-se descrever as ocorrências que foram empregadas por seus autores. Fez-se um breve resumo sobre o fenômeno da mudança paramétrica do sujeito nulo para o sujeito preenchido e foram descritos e caracterizados os pronomes em variação.

De modo geral, alguns indícios dos fatores que se mostrarão mais tarde nos dados de fala, já se fizeram sentir nessa amostra da década de 1930 (cf. Vianna 2011, Duarte, 1995). Embora a variante prototípica continue dominando todos os casos sintáticos, notou-se o início da introdução de *a gente* na modalidade escrita nas cartas da noiva, apenas no caso nominativo. Observou-se que o noivo, por ser mais letrado que sua noiva, apresenta uma escrita muito mais próxima da lusitana, revelando um elevado número de sujeito nulo, enquanto sua noiva, que apresenta traços de oralidade mais fortes, emprega apenas dois casos de sujeito nulo dando preferência pelo sujeito preenchido.

Em resumo, as hipóteses deste trabalho foram confirmadas, pois JOS mostrou ter mais domínio da língua escrita (uso exclusivo da forma conservadora e predomínio do sujeito nulo); e MRC mostrou ter menor grau de letramento, por apresentar maior traço de oralidade em sua escrita (variação entre as formas nós e a gente e predomínio do sujeito preenchido).

## Referências

- ANTHONY, Laurence. *ANTCONC 3.2.4w* (Windows). Japan: Waseda University, 2011.
- BERGS, A. “The uniformitarian principle and the risk of anachronisms in language and social history”. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. & CONDE SILVESTRE, J. C. *The handbook of historical sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. (p. 80-98).
- CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007. (cap. 1, 2).
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. *O papel da sociolinguística na descrição da gramática da escrita contemporânea*. Rio de Janeiro: ECLAE, no prelo.
- \_\_\_\_\_. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 1986
- \_\_\_\_\_. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1995.
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia (org). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992) estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial: 2012.
- GALVES, C. M. C. “A Gramática do Português Brasileiro”. In: *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 1, 1998 (p. 79-96)
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan M. & SCHILLING, Natalie. “The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle”. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012 (p. 63-79).
- KABATEK, Johannes. “Tradições discursivas e mudança linguística”. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide & ALMEIDA, Norma (orgs.). *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: EDUFBA, 2006. [www.uni-tuebingen.de/kabatek/discurso/itaparica.pdf](http://www.uni-tuebingen.de/kabatek/discurso/itaparica.pdf)
- \_\_\_\_\_. “Tradição discursiva e gênero”. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide & ALMEIDA, Norma (orgs.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. (p. 579-588)

KOCH, Peter. “Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik”. In: FRANK, Barbara; HAYE, Thomas & TPHINKE, Doris (Hrsg.). *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997 (ScriptOraia, 99). p. 43-79. c.f. a tradução de José Simões e Alessandra Castilho da Costa (UFRN).

LOPES, Célia Regina dos Santos. *Nós e a gente no português falado culto no Brasil*. São Paulo: Delta, 1998. vol. 14 n.2. (p. 405-422).

\_\_\_\_\_. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003. v.18.

\_\_\_\_\_. “Pronomes Pessoais”. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues & BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007a. (p.103-119).

\_\_\_\_\_. “Gramaticalização: definição, princípios e análise de casos”. In: [www.letras.ufrj.br/laborhistorico](http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico), Rio de Janeiro: UFRJ, 2007b.

\_\_\_\_\_. “Tradição discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX”. In: *Alfa: revista de linguística*. v.55, n.2. São Paulo: UNESP, 2011. (p.361-392).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

SILVA, Érica Nascimento. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2012.

SILVA, Érica Nascimento & LOPES, Célia Regina dos Santos. “O perfil sociolinguístico de um casal não ilustre: uma análise grafemática através da edição de cartas particulares”. In: *Confluência*. Volume 43. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 2012. (p. 78-104). <http://lpl.bibliopolis.info/confluencia/pdf/657/pdf>

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.